

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

LISBOA

DIRECTOR

Michel'angelo Lambertini

87, Rua do Norte, 103

EDITOR

Ernesto Vieira

SUMMARIO — Frederic Lamond — A livraria de Musica de D. João IV — Concertos — Theatro de S. Carlos — Cimarosa — Odoardo Nicolai — Noticiario — Expediente.

mos então occasião de apreciar todo o seu merecimento.

FREDERIC LAMOND

Este pianista, ainda novo mas já disfrutando uma excellente reputação de concertista brilhante e interprete sério dos grandes mestres, é filho da Escocchia, pois nasceu em Glasgow em 1870.

Fez os seus estudos musicaes na Allemanha, primeiro com Liszt e depois com Hans de Bulow, de quem foi um dos discipulos preferidos.

Fez a sua primeira apresentação em publico quando tinha dezoito annos, e logo despertou as attensões dos entendidos que viram n'elle um futuro artista de grande valor; já n'essa época elle teve a coragem de se apresentar com programmas formados unicamente com obras de Brahms, ou com sonatas de Beethoven, mostrando ao mesmo tempo n'outras audições um completo eclectismo, servido por uma interpretação fóra do commum, extraordinaria bravura e technica impecavel.

A sua carreira tem sido feita principalmente na America e na Inglaterra; mas ha pouco tempo começou a dar maior latitude ás suas excursões artisticas, tendo-se feito applaudir em Paris, Bruxellas e outras cidades de França, Belgica e Allemanha.

É possível que um dia nos visite, e tere-



A Livraria de Musica de D. João IV

Os trabalhos de miuda e paciente investigação sobre a nossa historia das bellas artes a que o sr. dr. Sousa Viterbo desde muitos annos se entrega, tem produzido numerosos subsidios na especialidade da arte musical. O seu livro «Artes e Artistas Portuguezes», publicado ha alguns annos, contem muitas noticias e documentos preciosos sobre musica e musicos. Depois da publicação d'esse livro, pequenos outros artigos publicados no Diario de Noticias, teem continuado esse longo trabalho de sapa, inestimavel e indispensavel auxilio para quem pretende reunir um corpo de historia mais completo e deseja firmar-se na authenticidade dos documentos.

O dr. Sousa Viterbo assentou ha muito o seu campo de exploração no Archivo nacional da Torre do Tombo, extrahindo d'aquella mina abundantissima as mais curiosas noticias historicas, que por serem pequeninas e avulsas não são menos valiosas.

O que Alexandre Herculano fez em ponto grande para documentar a historia geral do nosso paiz, tem feito, em mais restrita esca-
la mas com identico proveito, o sr. Viterbo



para auxiliar a historia particular das artes nacionaes.

Ultimamente foi publicada por ordem da Academia Real das Sciencias um novo trabalho d'aquelle senhor, extremamente interessante para a arte musical.

Tenho-o sobre a mesa, graças á gentil amabilidade do seu auctor; intitula-se: A Livraria de D. João IV e o seu Indice, noticia historica e documental. Os documentos que o sr. Sousa Viterbo agora publicou, todos ineditos, são em numero de doze, precedendo-os, além da noticia, a descrição em verso da livraria do infante D. Duarte, extracto do poema de Galhegos, «Templo da Memoria.»

Pelos referidos documentos ficam reconhecidos factos até aqui ignorados. O primeiro d'elles é que o testamento de D. João IV teve immediato e fiel cumprimento, passando-se alvará a Antonio Barbosa para se encarregar da conservação da livraria de musica, mediante a quantia de quarenta mil réis estipulada pelo rei fallecido, lavrando-se ao mesmo tempo carta de nomeação para o dito Barbosa ficar sendo bibliothecario, como ordenado annual de sessenta mil réis, dando-se-lhe tambem por ajudante Domingos do Valle, tudo em conformidade do referido testamento.

Outro facto não sabido é que Antonio Barbosa teve por successores no cargo de bibliothecario, Manuel Homem desde 1868 Marques Lesbio em 1692.

Outros documentos relativos a este musico-poeta, um dos mais entusiasticos socios da Academia dos Singulares, são igualmente de superior interesse para a sua biographia.

Uma pena me causou o trabalho do sr. Sousa Viterbo: é que não tivesse sahido alguns mezes mais cedo. Não é porém mal sem remedio, e opportunamente farei, com a devida venia, uso d'elle.

Agora, um brado de espanto e duas linhas de protesto.

O exemplar unico que se conhece no nosso paiz da edição original do «Index», guarda-se no Archivo Nacional da Torre do Tombo; no mesmo archivo se guarda, segundo a noticia que nos dá agora o sr. Viterbo, produzindo-me extraordinaria surpresa, outra preciosidade da bibliographia musical: é a obra de Franchlino Gafurio, impressa em Milão em 1518, que se intitula *De Harmonia Musicorum in instrumentorum Opus*.

D'esta obra, que as grandes bibliothecas da especialidade cubiçam e raras possuem, deparei com um exemplar na nossa abundante Bibliotheca Publica de Evora. Não me

consta que exista outro no paiz, e mesmo espalhados pela Europa os exemplares podem ser contados sem difficuldade.

Como diabo foram estes livros parar á Torre do Tombo e porque rasão se conservam lá?

Não é aquelle archivo destinado unicamente aos documentos nacionaes?

Para repositorio da bibliographia geral não é que existem as bibliothecas publicas? Não é ahi que se dirigem os estudiosos que se applicam qualquer especialidade e desejam consultar livros impressos?

Quem se hade lembrar de ir á Torre do Tombo procurar a obra de Gafurio ou o Index da livraria de D. João IV?

E no entanto, nenhum exemplar d'essas obras existe na Bibliotheca Nacional de Lisboa, a primeira do paiz, aquella que deve reunir a maior quantidade possivel das nossas riquezas bibliographicas.

Qualquer musico estudioso que queira ver a celebre *Harmonia* de Gafurio, ha-de ir á Torre do Tombo procura-la entre os diplomas e cartas...

Coisas nossas, coisas nossas...

ERNESTO VIEIRA.

CONCERTOS

Por não recebermos a tempo o respectivo programma, só hoje podemos registrar o *Sarrau musical* com que o simpathico e infatigavel *Orpheon Portuense* inaugurou a presente epoca d'inverno.

A festa realisou-se em 29 de Novembro e foi, ao que nos dizem, brilhantissima como todas as que aquella benemerita Sociedade tem organizado.

Figura no programma o quartetto de Rabl, para piano e cordas, que talvez por considerações demasiado benevolas para com uma parte do publico, foi insolitamente dividido entre a primeira e a segunda parte do concerto. E sem de modo algum querermos melindrar seja quem fôr, vem a pello lastimar as *concessões* que vemos fazer a todo o passo na organização dos concertos, tanto no Porto, como em Lisboa, quando é certo que o publico que é sempre uma creança, mas que em Portugal é uma creança intelligente e docil, sujeita-se a todos os regimens quando lhe forem impostos pela auctoridade e pela boa fé.

Um quartetto, como todas as obras em forma de *sonata* pode equiparar-se a uma

conferencia ou discurso, cujas partes componentes, se não forem expostas sem interrupção, incorrem no perigo de não serem comprehendidas.

Tudo se concatena e completa n'uma *Sonata* e, como toda a obra d'arte, é indispensavel que a possamos admirar no conjuncto mais ou menos harmonioso das suas formas. Se é certo que ninguem se lembraria de cortar a tela ao meio ou quebrar a estatua em dois pedaços, sob que pretexto fosse, porque havemos de ser menos respeitosa para com a obra musical?

Relevem-nos os talentosos artistas e amadores do Porto este ligeiro desabafo e não queiram vêr n'elle senão a melhor das intenções.

No resto do programma, vemos citados os nomes da Sr.^a D. Olinda Rocha Leão e Sr. Raul Marques Pinto, como cantores, e bem assim o do Sr. José Cassagne, como solista de piano.

Nas peças *d'ensemble* figuram as Sr.^{as} D. Leonilda Moreira de Sá (*piano*), Bernardo Moreira de Sá (*violino*), Benjamim Gouveia (*violeta*) e D. Guilhermina Suggia (*violoncello*).

Ao piano de acompanhamento estava o maestro Roncagli.

*

Em 15 d'este mez organisou o nosso conhecido pianista Alfredo Napoleão, que como se sabe fixou a sua residencia no Porto, uma festa musical, a que deu grande luzimento a collaboração inestimavel de Moreira de Sá e o concurso valioso de D. Virginia e D. Guilhermina Suggia, bem como do conhecido professor portuense Xisto Lopes.

Faziam o fundo do programma algumas composições de Napoleão, taes como *Ouverture symphonica*, *Tres romances*, *Le Rêve*, *Un soir de printemps*, etc., que os jornaes do Porto apreciam muito lisongeiramente.

*

O maestro portuense Francisco Roncagli effectuou em 16 uma *matinée de musica vocal* para apresentação das suas alumnas. Por absoluta falta d'espáço é-nos impossivel promenorisar esta festa, que dizem os jornaes ter sido muito interessante.

*

Na noite de 16, sob o duplo pretexto de inaugurar o seu lindo salão da Rua de Santo Antonio e de commemorar a data do nascimento de Beethoven, deu o eminente professor e nosso bom amigo Moreira de Sá um delicioso concerto que dedicou ás familias dos seus discipulos do Porto.

Um programma conciso, elaborado com o mais subido criterio e bom gosto: o *Concerto* de Beethoven e *Trio* de Tchaikowski (á memoria de um grande artista).

Com estas duas obras geniaes e com o simples concurso de sua filha e de dois outros *virtuosos* de alto merecimento, Sr. Freitas Gonçalves e D. Guilhermina Suggia, atingiu o grande violinista um scopo artistico bem mais elevado, do que se recheiasse o seu programma com essas *graciosas* inutilidades que não servem senão para desencaminhar o gosto do publico e lisongear a vaidade de quem as exhibe.

Oxalá que todos, cá e lá, seguissem o caminho serio e desinteressado que Moreira de Sá acaba de traçar com esta sua memoravel audição.

*

No dia 18 teve o Porto artistico as primicias de um talento promettedor, um pianista de raro merecimento, apesar da pouca idade, e que impressionou vivamente todos aquelles que tiveram a fortuna de o ouvir.

Chama-se José Cassagne e quer como compositor, quer como interprete evidenciou uma decidida vocação alliada a uma finissima intelligencia, cultivada, ao que parece, lá fóra, com grande ponderação e sob a vigilancia de mestres austeros.

Não se pode dizer que fosse em absoluto uma *estrela* porque já em 29 do mez passado elle se tinha feito ouvir no *Orpheon*, com lisongeiro successo. Mas agora, n'um concerto em que o moço pianista tinha o papel preponderante era occasião de fazer valer apreciaveis dotes que em obras de maior tomo se haviam forçosamente de evidenciar.

Assim succedeu de facto. Entre outras peças suas, teve um exito fóra de toda a expectativa uma *Sonatina* com que fechou o concerto e que nos dizem ser um primor. Tocou além d'isso o *Concerto em dó menor* de Beethoven, a *Sonata* de Gade, um *Nocturno* de Reinecke e outras obras de não menos valor.

Teve como dedicados collaboradores o nosso amigo e talentoso professor de violino Carlos Dubini e um professor de piano José Schumacher que nos consta ter tambem merecimento

Todos os concertistas foram alvo das mais festivas manifestações de apreço.

*

Em 19 realisou o *Orpheon* outro concerto, a que deu modestamente o nome de *ensaio mensal*, apesar de figurarem no programma nomes como Moreira de Sá, D. Guilhermina Suggia, D. Alice Leão, D. Emi-

lia Aussenac e D. Leonilda Moreira de Sá.

Entre outros trechos executou-se o *Trio* de Volkmann, op. 5 e dois fragmentos do *Concerto* de Beethoven para violino e piano.

*

Mencionamos apezar de não ter recebido convite para assistir a elle, um *Exercício escolar* que no domingo, 23, realisaram os alumnos do Conservatorio no bello salão d'este estabelecimento.

E fazemol-o com tanto maior prazer, que temos sido dos poucos, talvez o unico jornal que tem pugnado pela repetição judiciousa, mas frequente d'este genero d'audições, lastimando que se não façam muitas em cada anno lectivo.

No intuito de ter sempre os leitores ao corrente do que se vae passando em materia de musica, no nosso pequeno meio artistico, colhemos algumas informações que lhes offerecemos gostosamente, mas com a reserva de tal ou qual forma justificada pela nossa forçada ausencia.

No longo programma havia musica d'orchestra, musica de camara, córos, solos de canto e peças para instrumentos de sopro.

Entre as primeiras destacaremos o *Minuete* de Boccherini, que sob a batuta do nosso amigo e novel artista José Henriques dos Santos obteve um ruidoso successo e as honras de *bis*; causou verdadeira admiracão n'esta interessante obra a precisão e pureza com que o esperançoso alumno David de Sousa, detalhou o difficil harpejo do violoncello.

Tanto n'este *minuete* como no delicioso *adagio* de Haendel com que abriu o concerto mostrou José H. dos Santos quanto já vale, com a batuta na mão, e a quanto poderá chegar com a perseverança no trabalho e no estudo.

Os córos tambem foram muito ovacionados; dizem-nos maravilhas de certo trecho, cujo auctor se quiz occultar modestamente *sob o veu do anonymo*, mas que sabemos ser um dos nossos mais brilhantes compositores, que occupa no Conservatorio uma posição das mais eminentes.

Coube tambem um largo quinhão de applausos aos alumnos pianistas; entre elles dizem-nos ser de justiça especialisar um moço de grande talento que em um transcendente *Estudo* de Saint-Saens, mostrou ter adeante de si um risonho futuro, a que não serão talvez alheios os mais entusiasticos triumphos.

Chama-se Hernani Torres e é discipulo do nosso bom amigo e collega Matta Junior.

D. Candida Pires d'Azevedo e D. Beatriz

Rocha, duas pianistas de raros dotes, discipulas respectivamente de Bahia e de Colaço, tiveram tambem um brilhantissimo successo, de todo o ponto justo.

Da segunda alumna diz um jornal diario que merece menção especial pela maneira impeccavel como se apresentou no *Capricho* de Saint-Saens (sobre motivos de Gluck), que lhe cabia no programma; não nos admira a referencia elogiosa porque temos tido por vezes occasião de apreciar o amoroso cuidado que D. Beatriz Rocha põe em tudo que executa.

E com respeito a D. Candida Azevedo, que nunca tivemos o gosto de ouvir, bastanos o facto de ser discipula de Francisco Bahia para calcularmos que se não apresentaria n'uma audiçãõ d'estas sem a plena garantia d'um successo.

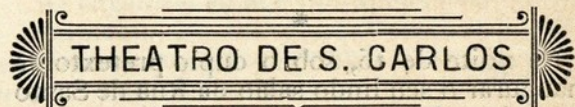
Desejamos ainda alludir a um oboista, de purissimo som e grandes aptidões musicas o alumno Wenceslau Pinto e ao clarinettista Domingos Castanho de Mattos, a quem já nos referimos elogiosamente em outra occasião e que especialmente no *allegro* da *Aria variada* que apresentou, foi extremamente feliz e mostrou notaveis progressos na sua difficil especialidade.

Na impossibilidade de fazer allusões especiaes a cada uma das obras que constituam o programma, que, como já dissemos, era bastante extenso, fecharemos esta já longa noticia com um incondicional elogio a todos os professores e alumnos que concorreram para tão satisfatorio resultado, animando-os a proseguir sem desfalecimento no caminho em que melhor poderão affirmar os seus constantes esforços.

*

O primeiro sarau musical com que em Lisboa se festeja o advento do novo seculo é o que offerece amanhã ás pessoas de suas relações o nosso presado amigo Antonio Ferreira Marques e sua gentilissima esposa e notavel cantora, a Sr.^a D. Sarah Motta Vieira Marques.

Será uma esplendida festa, como todas as que se dão n'aquelle elegante e hospitaleiro palacete.



As partituras da IRIS e TOSCA

A *Iris* foi pela primeira vez cantada no theatro Costanzi, de Roma, em 22 de novembro de 1898. Os seus interpretes prin-

cipaes foram: Hariclée Darclée, *Iris*; Fernando De Lucia, *Osaka*; Guglielmo Caruson, *Kyoto*; Giuseppe Tisci-Rubini, o *Cego*; Tilde Milanesi, a *guécha* que no drama dos fantoches fala em logar de *Dhia*. A opera teve de ser dirigida pelo proprio Mascagni, em virtude de discordia entre elle e o director da orchestra, o maestro Mascheroni.

A *Iris* não fez carreira, devido em parte á pobreza do libretto; ha n'elle effectivamente uma grande falta de phrases sentimentaes, de scenas apaixonadas, em que um compositor encontre ensejo para dar largas á inspiração melódica. O espectador, na *Iris*, quasi que só encontra a prender-lhe a attenção os magicos e fascinadores effectos de luz e sonoridade no prelude symphonico e no 3.º acto, assim como a novidade dos instrumentos e fatos japonezes. Nos trechos em que a melodia mais podia salientar-se ou a inspiração não coadjuvou o maestro, ou elle, á maneira de muitos compositores modernos, se deixou subjugar pela preocupação constante de variar extraordinariamente os accordes, modular uma phrase em diferentes tons e modos, alterar o rythmo aniudadas vezes e não conservar um trecho no mesmo andamento durante muitos compassos. E como de tudo isto se usa e abusa, a inspiração melódica, aprisionada n'esta cadeia de modernismo a que raras vezes quebra os elos, nem sempre tem a expansão precisa para se desenvolver e produzir d'estas melodias que se impõem, que nos attraem e fazem levantar o auditorio n'um brado unanime de enthusiasmo.

Na partitura da *Iris* devemos apontar, como sendo uma bella pagina de musica, a descripção symphonica do prelude, em que Pietro Mascagni pôz um meticuloso cuidado, trabalhando a instrumentação com o maior esmero e dando ao colorido todo o vigor de que poude dispôr. E, como não podia deixar de ser, porque a situação é identica, uma grande parte d'esse prelude symphonico é reproduzido compasso por compasso no final do 3.º acto. Mas esses effectos de sonoridade, essas cambiantes de luz e esse inesperado desabrochar de flôres, como que a formarem a parte magica da peça, não foram de per si sufficientes para que a *Iris* fizesse larga carreira, embora seja uma opera digna de ser conhecida. E foi talvez esta a razão, assim como o não haver muito por onde escolher, que levou a empreza de S. Carlos a incluir a *Iris* no numero das suas operas d'obliga.

No 1.º acto, alem do citado prelude, são dignos de nota: o côro das lavadeiras, intercalado pelas phrases de Iris e a serenata do tenor, no espectáculo dos fanto-

ches; no 2.º acto são interessantes algumas phrases do duetto entre Iris e Osaka, e da declaração apaixonada d'este, quando escála a varanda e se prostra aos pés de Iris.

Em 14 de janeiro de 1899 tambem ao theatro Costanzi coube a honra da primeira audição da *Tosca*, de que foram principaes interpretes: Darclée, De Marchi, Giraldoni, Borelli e Giardano.

Puccini, embora a par das suas boas qualidades musicaes tenha defeitos, que alguns chegarão mesmo a alcunhar de ousadias, imprimiu á *Tosca* um innegavel e indiscutivel cunho de individualidade, muito para apreciar e estranhar n'esta epoca de sujeição ao maneirismo artistico de que ha pouco falamos. É realmente para surprehender que Puccini rompesse com todas as convenções e tivesse a franqueza, digna de louvôr, de se apresentar tal qual é.

O libretto da *Tosca* prestava-se admiravelmente a que o temperamento pronunciadamente melódico de Puccini desse largas á natural inspiração.

Nas passagens episódicas da partitura podemos encontrar materia para louvor e até para censura, porque as tratou por vezes com umas liberdades de harmonia a tocar pelas raias da ousadia. É tambem esse um modo de escrever que o maestro iniciou na *Bohème*, sendo por isso mesmo asperamente criticado pelos rigoristas; mas Puccini insiste e vae assim constituindo individualidade ou estylo. Seja. Nós, nem por isso deixaremos de lhe tecer os mais rasgados elogios, pois que elle não é dos que sacrificam a melodia á polyphonia symphonica; antes procura, pela combinação d'estas duas partes integrantes da musica, constituir um todo harmonico que nos encanta, seguindo assim no verdadeiro caminho para attingir o ideal da opera moderna, e que, por assim dizer, Verdi já tinha iniciado no *Othello*.

Na partitura da *Tosca*, se ha durezas e n'alguns pontos uma insistente successão de quintas perfeitas, que por vezes põem em duvida a tonalidade, ha tambem muitas bellezas que absolvem o maestro das faltas commettidas. Estão n'este caso: toda a scena do 1.º acto, entre a protagonista e o amante, que é tratada com uma elevação de pensamento e uma distincção de idéas melódicas, que nada deixam a desejar; a scena entre Tosca e Scarpia, assim como a solemnidade do *Te Deum*, que é d'uma factura digna de elogio e constitue um imponente final; no 2.º acto é extremamente interessante o interrogatorio do pintor, a par da melodia cantada por Tosca e dos côros que a acompanham no concerto e baile dado

pela rainha de Napoles, no 1.º andar do palacio Farnese; a angustiosa phrase de Tosca, na scena em que Scarpia tenta seduzil-a: *Sempre con fé sincera*, cuja melodia relembra a da orchestra, no 1.º acto, por occasião da entrada da protagonista na egreja, mas modulada agora n'outro tom; no 3.º acto todo o duetto entre Tosca e Cavaradossi.

*

A 19 do corrente abriu o nosso theatro lyrico. As operas cantadas até hoje foram: *Aida*, *Tannhauser*, *Favorita* e *Roberto*.

Dos artistas que tomaram parte n'aquellas operas conheciamos já: a sr.^a Matilde De Lerma, a quem damos os parabens por ter perdido a oscillação de voz que ha tres annos lhe notámos, e que pôde hoje ser considerada uma artista muito mais perfeita e correcta, com uma brilhante sonoridade nas notas agudas; a sr.^a Mantelli, uma artista de muito sentimento, que ha quinze annos tinha cantado em S. Carlos, e que ainda se faz ouvir com prazer, embora nem sempre consiga dominar a aspereza d'algumas notas e encobrir a deficiencia d'outras; o sr. Menotti, um mestre no *bel canto*, que com muita arte supprime o que a larynge não pôde dar-lhe, e que no *canto d'amor* de Wolfram do concurso dos cantores, e na romanza *Stella*, sempre com justiça tem sido applaudido no *Tannhauser*, unica opera cantada até hoje n'esta epoca pelo distincto barytono; o Sr. Perelló, um baixo cantante, que o anno passado foi muito festejado entre nós, mas que está realmente deslocado quando leva a sua amabilidade até se encarregar de cantar partes de baixo profundo; o sr. De Luca, um barytono que o anno passado foi sempre correcto e digno de elogio, e que agora, reaparecendo na *Favorita*, foi merecidamente applaudido, tanto no andante da aria como na romanza *A tanto amor*, que disse com muito sentimento, dando ás melodias apropriado colorido.

Os artistas que pela primeira vez ouvimos, são: a sr.^a Zabella Grassot, um soprano em começo de carreira; com bellas qualidades para vir a ser uma cantora distincta, mas que tambem devia começar por se corrigir do defeito de oscillação e por se dedicar aos exercicios de vocalisação; a sr.^a Giaconia, que debutou na parte de pastor do *Tannhauser*, cuja melodia disse com notavel afinação e rigor de compasso, o que nos faz prever que será uma artista digna de menção; o tenor Cepi, que se ressentiu de não ter trabalhado sufficientemente a larynge, do que lhe re-

sulta uma tal ou qual difficuldade na emissão das notas agudas e o não poder colorir as phrases musicaes com a apropriada *mezza voce*; o tenor Dimitresco, que confirmou a boa fama de que vinha precedido e que dispõe de voz e recursos artisticos sufficientes para agradar; o sr. Palet, que se apresentou como tenor na *Favorita*, chegando a ser applaudido na romanza do 1.º acto: *una vergine, um angel di Dio*, mas que sosobrou perante o escôlho do *espírito gentil*, exactamente por se ter apresentado em publico antes de tempo, sem que a sua voz tivesse sido sufficientemente preparada com os precisos exercicios de vocalisação.

Por ultimo temos a referir-nos ao barytono Stracciari e ao baixo Torres de Luna, dois artistas tambem em começo de carreira, mas com qualidades de voz para virem a distinguir-se, se não confiarem demasiado nos recursos naturaes e se se dedicarem ao estudo.

Não concluiremos este rapido esbôco a respeito dos artistas de canto, que até hoje foram ouvidos, sem dizermos que a orchestra tem sido superiormente dirigida pelo notavel maestro D. Juan Goula e que tanto o rebaixamento do nivel da orchestra como a nova disposição dos executantes, reunindo a um lado todos os instrumentos de corda, deram o melhor resultado, unificando a sonoridade e facilitando efeitos de colorido.

29 de dezembro.

ESTEVES LISBOA.




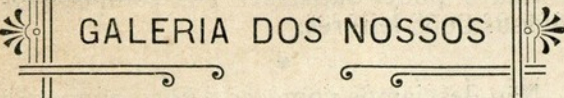
CIMAROSA

Passa no proximo dia 11 de janeiro o centenario de Domenico Cimarosa, o mais brilhante compositor italiano que encerrou o seculo XVIII, vindo a expirar ao abrir do seculo que n'este momento tambem expira.

«O Matrimonio secreto», a sua obra prima, é ainda hoje, apesar de contar cento e oito annos de idade, um modelo de graça e frescura.

Domenico Cimarosa nasceu em Aversa a 17 de dezembro de 1749, estudou n'um dos conservatorios de Napoles, onde teve por mestre Fenaroli.

O «Matrimonio secreto» cantou-se pela primeira vez no theatro imperial de Vienna em 1792.


GALERIA DOS NOSSOS


Odoardo Nicolai



A qui está um modesto e incansavel trabalhador, que, de longiquas paragens, nos veiu um dia bater á porta encontrando-nos sorridentes e hospitaleiros, como raras vezes o somos.

Vinha correctamente posto na sua impecavel sobrecasaca, a phisionomia era insinuante e expressiva e pode dizer-se affoitamente que nem a rebecca nem a violeta tinham um unico segredo para elle.

Ficou. E a breve trecho passou a considerar esta risonha praia como a sua segunda patria amando-a tanto como á sua querida Bolonha, jamais esquecida.

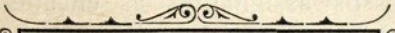

Porque dois amores não são demais para quem maneja a rebecca e a violeta com egual pericia e dispõe alem d'isso d'uma phisionomia insinuante e... d'uma sobrecasaca gentilmente posta.

Ficou. E ora o vemos, imperturbavel, no seu posto d'orchestra, ora preocupado com algum discipulo mais renitente, que elle quer a todo o custo fazer entrar no bom caminho.

Todos o querem, quando lhe fallam uma vez e todos o respeitam, quando teem uma vez a occasião de o apreciar, como artista ou como professor.

Seja pois bemvindo a esta nossa Galeria, onde todos os valiosos e todos os sinceros tem um lugar gostosamente reservado.

SCHAUNARD


NOTICIARIO

Do paiz

Está annunciado para 7 do proximo mez de Janeiro o Concurso no Conservatorio para o provimento da cadeira de professor auxiliar de violino.

Consta-nos que entre os concorrentes se apresentarão os nossos amigos e conhecidos

violinistas Srs. Julio Caggiani e Julio Cardona.

✱

O distincto amator de violino, Sr. Cecil Mackee foi agraciado com o habito de Christo.

Felicitamol-o por tão justa mercê.

✱

Consta-nos que o illustre pianista e grande mestre Alexandre Rey Colaço se propõe a dar n'esta época 4 concertos de musica de camara, que serão um verdadeiro regalo para os apreciadores de boa musica, como tem sido todos aquelles que Rey Colaço tem organizado.

Entre os seus collaboradores citam-se já os Snrs. Andrés Goni e Antonio Lamas.

Realisamos assim um dos nossos ideaes, pois com estes quatro concertos, com os de S. Carlos e com os da Sociedade Artistica de Canto, devemos ter todos os domingos de inverno deliciosamente preenchidos. E temos ainda a esperanza de que o publico culto, que está manifestando uma grande predilecção por esta forma d'arte, saberá compensar dignamente esta somma de esforços acumulados em proveito da sua educação intellectual.

✱

O nosso presado amigo e simpathico empresario theatral Affonso Taveira trouxe comsigo do Brazil um violinista de merecimento, Nicolino Milano, contractado para reger a orchestra nos diversos theatros que estiverem sob a sua intelligente direcção.

✱

No proximo dia 5 terão lugar solemnes exequias na Igreja de N. S. do Loreto, para suffragar a alma do saudoso provedor da respectiva irmandade, o sr. Evaristo Lambertini, pae do nosso director.

✱

Seria imperdoavel esquecimento não mencionar aqui a abertura do novo estabelecimento Moreira de Sá, a cuja graciosa e elegante installação presidiu o fino gosto e tacto artistico do maestro portuense.

É situada a nova casa no mesmo local da Rua de Santo Antonio em que já existiam dois armazens de musica, mercedamente considerados como dos melhores que tem florescido na cidade invicta.

Moreira de Sá porém, com ideaes bem mais largos do que os que pode ter um simples commerciante, imaginou dar á sua casa uma feição puramente artistica, dotal-a de uma ampla sala de musica e n'um louvavel e desinteressado eclectismo dar carinhosa acolhida ás artes plasticas, organisando uma

exposição permanente de quadros e estatuas dos mais reputados artistas portugueses.

Na sala de concertos e de pintura, fará Moreira de Sá frequentes audições de boa musica, coadjuvado pelos discipulos e pelos amigos e conhecemos bastante o illustre professor portuense para poder garantir que longe de toda a ideia de reclame, continuará o notavel mestre a sua tenacissima propaganda d'arte, com o unico proposito de expansão e de progresso que até hoje tem animado o seu espirito tão culto e tão excepcionalmente desinteressado.

Poucos estabelecimentos musicaes do paiz tem á sua frente um artista de provado valôr, um musico serio e bem orientado e no emtanto um chefe commercial com esses predicados, n'uma casa como a que acaba de fundar o distincto violinista, pode influir tanto no futuro artistico d'um paiz, como o esforço ás vezes improductivo de muitos mestres.

Por isso não hesitamos em vaticinar ao novo estabelecimento portuense, uma longa existencia e ao seu incansavel chefe todas as prosperidades de que é merecedor.



EXPEDIENTE

A acceitação de dia para dia mais benevola que esta modesta revista tem merecido aos artistas e amadores portuguezes e mesmo a algumas notabilidades artisticas do estrangeiro, enche-nos de verdadeira alegria, quasi de orgulho.

Fóra d'esse meio especial não tem sido menos gentil o acolhimento e a partir de S. M. a Rainha a Senhora D. Maria Pia, que se dignou permittir-nos que o seu venerando Nome fosse collocado no primeiro lugar na lista dos nossos assignantes, podemos dizer que *A Arte Musical* é hoje vantajosamente conhecida e mesmo apreciada com immerecida benevolencia por toda a sociedade culta do nosso paiz.

Vendo crescer quasi diariamente a assignatura pensamos na maneira de corresponder, de tal ou qual fórma, á protecção bizarramente concedida pelo publico e resolvemos melhorar as condições materiaes do jornal, sem comtudo fazer o mais leve augmento nos preços primitivamente estabelecidos.

Assim a partir do proximo numero, com que *A Arte Musical* enceta o seu terceiro anno de publicação, será o jornal impresso em papel *couché*, que mandámos vir expressamente de Paris e onde não só o trabalho

typographico, mas tambem as gravuras que enriquecem a revista serão apresentadas de fórma a poder satisfazer por completo os nossos bons leitores.

*

Não desejamos começar o novo anno sem deixar aqui a expressão do nosso grande e sincero reconhecimento ao nosso redactor principal, o ex.^{mo} sr. Ernesto Vieira, que não só no seu precioso Diccionario, mas ainda em numerosos artigos do jornal, tem posto a sua solida erudição e primoroso talento ao serviço da nossa arte portugueza. até aqui tão descarovelmente abandonada.

E n'esse justissimo preito de gratidão, não podemos de forma alguma esquecer o ex.^{mo} sr. Affonso Vargas, cujas deliciosas chronicas mensaes são modelos de litteratura patria e o ex.^{mo} sr. dr. Esteves Lisboa, a quem a nossa folha deve as criticas imparciaes e soberanamente meticulosas, que constituem uma das riquezas d'este quinzenario.

A esses collaboradores constantes e a todos os que transitoriamente tem querido honrar estas columnas, um *obrigado* especial pelo seu captivante desinteresse e pela sua nunca desmentida amizade.

*

Como boa nova aos nossos leitores, anunciamos-lhes que o nosso corpo de Redacção effectiva vae ser augmentado com um nome, dos que mais brilham na nossa restricta mas nobilissima critica d'Arte:—o ex.^{mo} sr. Adriano Merêa.

Sollicitado pela direcção para nos prestar o concurso inestimavel da sua penna, prometteu-nos a critica dos grandes Concertos, o que basta para se antevêr como será d'ora avante cuidada essa interessante Secção.

Os nossos mais sinceros agradecimentos a esse notavel homem de lettras e nosso querido amigo pela sua desinteressada acquiescencia ás nossas sollicitações.

*

E para terminar:—um assumpto de mero expediente.

No anno anterior fornecemos a muitos dos nossos assignantes as encadernações para o 1.^o anno da *Arte Musical*.

Este anno, sempre no intuito de melhorar a publicação, vamos fazer encadernações especiaes para o 2.^o anno com ferros adequadamente fundidos, constituindo assim um elegante volume, que será digno de figurar em todas as estantes.

Os preços serão os de *atelier*, sem lucro algum para nós e serão annunciados em um dos proximos numeros.

A DIRECÇÃO.